Julho de 2021
V Congresso Internacional de Linguística Histórica
Constelações Diacrônicas
em homenagem a Charlotte Galves e Mary Kato

A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS NAS FALAS DE PERSONAGENS VICENTINAS CULTAS

Camila Bárbara Pereira da Silva (Lapelinc/UESB/CNPq)
Wendell Nascimento Souza (Lapelinc/UESB)
Raiana Cristina Dias da Cruz (Lapelinc/PPGLin/UESB/CAPES)
Cristiane Namiuti (Lapelinc/PPGLin/UESB)

Introdução

O ponto de partida deste trabalho é o estudo de Martins (2011), que, ao estudar o Teatro de Gil Vicente, observou a ocorrência de alta frequência de ênclise em contexto no qual há possibilidade de variação entre próclise e ênclise, em um período em que a maioria dos autores portugueses empregavam a próclise nesses contextos. A partir disso, a autora conclui que há a coexistência de duas gramáticas distintas no período quinhentista: uma proclítica, que seria erudita e que dominaria a produção textual, e uma enclítica, que seria utilizada pelas classes populares da sociedade. Em contraponto à hipótese de Martins (2011), Galves (2015) aponta que a colocação dos pronomes clíticos seria sensível à prosódia, estando relacionada a questões discursivas; deste modo, ter-se-ia a existência não de duas gramáticas contrapostas, mas de uma única gramática da qual se fazia diferentes usos. Além disso, conforme Galves (2015), a opção pelo uso da próclise ou da ênclise varia demasiadamente de autor para autor, designando uma questão antes de estilo do que de sintaxe. Desta forma, e levando em consideração o caráter oral do gênero teatral, Galves (2015) conclui que a distinção entre gramática erudita e popular deve ceder a considerações de ordens prosódicas e discursivas no uso de uma mesma gramática. Os autores deste trabalho compartilham deste pensamento, e, assim, buscam contribuir para a investigação desta hipótese.

Objetivos

Neste trabalho, de base teórica gerativista, objetivamos descrever a colocação de clíticos nas falas de personagens que podem ser interpretadas como cultas do Teatro de Gil Vicente. Martins (2011, 98), ao finalizar seu estudo, propôs que "Um resultado muito apetecível seria a verificação de que nem todas as personagens vicentinas são 'populares' na colocação dos pronomes clíticos". Esta pesquisa busca fazer essa verificação, através da coleta e descrição dos dados relativos à colocação de clíticos em Gil Vicente.

Metodologia

Nesta pesquisa, utilizamos a versão do teatro de Gil Vicente disponibilizada pelo corpus Tycho Brahe (www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/). Para a busca dos dados, foi utilizada a ferramenta Corpus Search (http://corpussearch.sourceforge.net/). Classificamos os dados de variação ênclise/próclise em orações matrizes utilizando dois grupos de fatores: (1) fatores extralinguísticos: (i) identificação do Auto; (ii) identificação da personagem; (iii) categorização da personagem (para enquadramento em culto/popular); (2) fatores línguísticos: (i) tipo de oração; (ii) constituinte(s) préverba(l/is), (iii) tipo de verbo e predicado; (v) timpo de clítico.

Resultados

Nesta apresentação do trabalho em andamento, focalizamos os resultados de variação ênclise/próclise com os verbos ter, haver, estar e ser em cinco autos da obra de Gil Vicente.

Tabela 1: Distribuição de ênclise e próclise pelos autos

Auto	Ênclise	Próclise	Total	Frequência de ênclise	Frequência de próclise
1. Auto da Feira	0	3	3	0.00	1.00
2. Auto Pastoril Português	0	4	4	0.00	1.00
3. Barca do Inferno	1	0	1	1.00	0.00
4. Tragicomédia da Serra da Estrela	2	0	2	1.00	0.00
5. Tragicomédia Romagem dos Agravados	0	1	1	0.00	1.00
TOTAL DOS 5 AUTOS	3	8	11	0.27	0.73

Exemplos

1. Pois estou-**vos** alegando o porque m' haveis de levar. Alcoviteira Brísida Barca do Inferno
2. Eu hei-**lhe** de presentar minas d' ouro [...] - Serra da Estrela (Tragicomédia da Serra da Estrela)
3. Faço mercador mor ao Tempo que aqui vem e assi **o** hei por bem [...]- Mercúrio (Auto da Feira)
4. Mas antes **m'** hás de tornar pois [...] - Lavrador Amâncio (Auto da Feira)

Considerações finais

Nota-se na tabela 1 que os casos de próclise e ênclise estão distribuídos pelos autos sem variação interna (no auto). Este dado nos levou a conjecturar que um fator discursivo pode estar funcionando na a distribuição de ênclise e próclise pelos autos, mas essa hipótese ainda precisa ser confirmada com o complemento da pesquisa. Também constatamos que o uso de próclise ou ênclise é independentemente de quem fala, tanto personagens alegóricas como Serra da Estrela (2) e Mercúrio (3), quanto personagens classificados por Tessiyer (2005) como "de linguagem rústica" como a Alcoviteira Brísida (1) como o Lavrador Amâncio (2) atestam próclise e ênclise. Os resultados apresentados favorecem a hipótese de Galves (2015).

Referências

Galves, Charlotte. 2015. "A ênclise no português clássico: variação, gramática e uso." In *Sobre gramática e história da língua portuguesa*, organizado por Cristina Figueiredo e Edivalda Araújo, 61-77. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
Martins, Ana Maria. 2011. "Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino." *Estudos de Lingüística Galega 3*, 83-109.
Pitillo, Silvana Assis Freitas. 2002. "A personagem vicentina: uma representação do Portugal dos Quinhentos". Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Uberlândia.
Teyssier, Paul. 2005. "A língua de Gil Vicente". Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.